

## *DOCUMENTO*

Gaston BACHELARD, *La rythmanalyse*

Tradução de Rodrigo Sobral Cunha, precedida do estudo “A Filosofia do Ritmo Portuguesa: da *Monadologia Rítmica* de Leonardo Coimbra a Lúcio Pinheiro dos Santos e a *Ritmanálise*”

### *A Filosofia do Ritmo Portuguesa: da Monadologia Rítmica de Leonardo Coimbra a Lúcio Pinheiro dos Santos e a Ritmanálise*

#### **Introdução**

Há uma filosofia do ritmo portuguesa. Corresponde ela a um veio de pensamento criacionista que não foi assumido até hoje, porquanto em parte implícito, em parte disperso e em parte indirecto. Mas a teoria do ritmo animou consideravelmente o diálogo de dois filósofos, Leonardo Coimbra e Lúcio Pinheiro dos Santos, podendo até afirmar-se ser uma resultante dele. O nosso ensaio quer, pois, inverter essa situação de alheamento, trazendo esta filosofia do ritmo para a luz, ainda que na forma sintética possível das presentes circunstâncias. Como proposição evidencial, assinalar-lhe-emos, por ora, três momentos definidores: o começo da sua explicitação na obra de Leonardo Coimbra; o seu florescimento no diálogo assumido entre os dois filósofos, o do ritmo criacionista e o inventor da ritmanálise; e enfim, um terceiro período de maturidade com a formalização relativa da ritmanálise.

Não é por acaso que a razão rítmica criacionista, geminada na ritmanálise, sai das margens radiosas do Atlântico, como saiu antes o singular Pitagorismo da acção cosmonáutica e decerto não menos impulsionado por propósitos criacionistas.

Assim, a ocasião do “I Congresso Internacional do Pensamento Luso-Galaico-Brasileiro entre 1850 e 2000”, promovido pela Universidade Católica do Porto em Outubro de 2007, pautou-se à maravilha no hori-

zonte para a apresentação daquilo que também se pode designar *Filosofia Atlântica do Ritmo*. Daí que, pela mesma altura, sob a égide do Instituto de Filosofia Luso-Brasileira, o VIII Colóquio Tobias Barreto acolhesse a mesma reflexão; tal como na grande margem adjacente a *Revista Brasileira de Filosofia* salvaguarde, em sintonia, a filosofia do ritmo atlântico. Tal é o escrito em frente do leitor. Acresce a actual edição da *Philosophica*, contudo, a nossa tradução do estudo de Gaston Bachelard sobre a obra de Lúcio Pinheiro dos Santos, *La rythmanalyse*, correspondente ao VIII capítulo de *La dialectique de la durée* do filósofo francês.

A razão rítmica geminada na ritmanálise, do mesmo passo que acompanhou o movimento científico da Relatividade, dos *Quanta* e da Mecânica Ondulatória e por outro lado o desenvolvimento da Psicanálise, compreensões novas da energia irradiantes pelo Mundo culto, conheceu também o sopro criacionista da obra filosófica de Leonardo Coimbra, onde uma ampla síntese da ciência e da poesia, da filosofia e da religião construiu uma nova e aberta compreensão do Universo. Juntamente com um entendimento renovado do tempo e do movimento, pelos inícios do século XX, o contraste entre a medida mecânica como diapasão civilizacional e a inspiração das formas orgânicas naturais, chamava a atenção dos espíritos de todos os quadrantes, fazendo oscilar o olhar dinâmico entre a quantidade e a qualidade. As ciências humanas e as físico-matemáticas entreolhavam-se, há dois séculos e meio, de olhos semicerrados, estrangeiras ao diálogo possível pelo ritmo. Contudo, a noção filosófica do ritmo retempera as dialécticas com o sabor da vida cósmica e da inteligência graciosa, suplantando logicismos *cousistas* e binarismos frustes, concilia o *esprit de géométrie* e o *esprit de finesse* e é seguramente mais com o carácter implícito da renovação do que da repetição que o ritmo é elevado ao seu sentido criacionista, emergindo como uma boa chave para a compreensão dinâmica das polaridades em todas as frentes. Particularmente a história da ritmanálise, nascida entre duas guerras mundiais, aparece como um singular momento de simetria rítmica brilhante no seio de uma quantidade de flutuações mais ou menos aleatórias.

### **A teoria do ritmo na obra de Leonardo Coimbra. O ritmo criacionista**

“Quem diz ritmo diz uma *forma* de movimento, uma *lei de sucessão*, antes, um tempo com uma *organização* interna”, escreve Leonardo Coimbra em *Do Amor e da Morte*. Para além da definição rigorosa, todavia, a magnitude da noção de *ritmo* do filósofo criacionista, noção toda qualitativa e palpitante ao longo da sua obra, justifica que se considere em breve ensaio uma *ritmontologia* leonardina, à semelhança da *ritmanálise* do seu condiscípulo Lúcio Pinheiro dos Santos.

De Maio a Julho de 1911, o trânsito das duas formulações inaugurais da *Nova Monadologia* de Leonardo Coimbra é distintamente marcado pela repercussão da noção do *ritmo* como chave explicativa do Universo como “sociedade cósmica de seres”, teoria depurada no ano seguinte na obra *O Criacionismo*. Superando o mecanismo determinista (onde *in extremis* o infinito da inércia equilibraria o infinito da força, impedindo o movimento), consiste o “ponto essencial da nova hipótese” em que é “a diferença de ritmo” que introduz a descontinuidade das ligações e assim, a diversidade da existência. As mónadas hierarquizam-se desde o inorgânico inerte (em newtoniana reacção igual à acção) até à alta consciência (na qual o excedente energético psíquico atinge a liberdade criadora). As escalas física, biológica e psíquica crescem assim em coordenada amplitude rítmica e proporcional compreensão do Universo. A diferença de ritmo explicaria, enfim, a génese do conhecimento e da consciência, bem como da causalidade e viabilizaria uma sociedade cósmica de ritmos plurais escalonados, nisso se fundamentando, pois, a ciência, a filosofia e uma moral cósmica ou religião.

Se a actividade da pedra praticamente se esgota num presente absoluto, sem excedente de acção, já com a vida aparece a adaptação e o tempo. A planta, para além da resposta newtoniana, eleva-se em busca da luz, resolve dificuldades, move-se num ritmo mais largo e a sua actividade excedente permite considerar a sua sensibilidade. O animal tem maior excedente energético livre, embora quase completamente actualizado em sensações e imagens. Genericamente, as “mónadas de pequeno ritmo”, dispersas em instantes, são num “esquecimento perpétuo e numa escravização contínua à sensação actual”. Num nível superior, uma vez equilibrada a acção exterior, aparece ampliada a memória e a previsão, uma espécie mais nobre de hereditariedade, o tempo mais largo. No dizer de Leonardo Coimbra, cada ser contém materialmente os outros de menor ritmo ou alma e cada ser tem por limite o gasto de energia a que o obrigam os outros seres, ou o Mundo. Daí que possa asseverar o filósofo criacionista que a ciência quando mede a inércia mede *de facto* a diferença de ritmo. A cinemática espaço-temporal assinala, por outro lado, o raio de acção imediata e é portanto o ritmo de acção que permite seriar as mónadas. Todos os seres têm uma face inerte, absolutamente actualizada e uma face de actividade livre. “O homem resume toda a escala” e percorre-a desde o bruto (metaforizado “calhau”), passando pelo homem aprisionado nas solicitações mecânicas e sensuais (metaforizado “burro”), seguindo-se um nível médio da humanidade onde o prazer e o egoísmo são subordinados pela herança social (“as consciências parcamente ritmadas além da simples vida”, escreverá n’*A Morte*), até se alcançar a pessoa livre, aquela que vence as solicitações inferiores ou limites materiais (em reacção *anticousista*, pode dizer-se), chegando-se finalmente à pessoa que

ultrapassa a simples reacção ao real e encontra no seu “*excesso rítmico*” a liberdade activa e vivamente criadora. São as “mónadas de larga e generosa vida”, que restringem o campo do esquecimento e livres vivem numa espécie de imortalidade pela “comunicação das almas”. Assim se compreende essencialmente o conhecimento, na visão leonardina, já que “os seres medem, pois, a realidade pela amplitude do seu ritmo, excedente psíquico, alma ou liberdade.” “O ser ondula em ritmos”, escreveu o filósofo em *A Morte e n’A Alegria, a Dor e a Graça* afirmou que “a alma humana é um *ressoador* universal” e a compreensão “um esforço do coração para o ritmo dos outros corações.”

A dinâmica do pensamento é, neste sentido, uma rítmica nocional da vibração relacional da vida experimental, refluindo no horizonte leonardino um neo-hegelianismo tonificado pelo *élan* vital bergsonista e por uma revalorização da actividade sintética psicológica (onde a consciência de Heraclito se sobrepõe, por assim dizer, à constelação pitagórica). Para a dialéctica criacionista, com efeito, “o tempo é a medida do ritmo das mónadas” e “a mónada é tanto mais real quanto maior for a sua actividade de síntese, isto é, quanto maior for a unificação das oposições.” Tal é a medida racional da liberdade rítmica da mónada, bem como da sua *realidade e verdade*, traduzindo-se no grau de *constância* que a diferença de ritmos das mónadas mais livres permite verificar em relação às menos livres. Os pólos extremos são assinalados pela mónada com a “existência dum apagado ritmo, vibrando ao sabor das oposições” e de outro lado, a mónada metafísica que sintetiza em liberdade criadora os ritmos associados, elevando-se à compreensão poética e filosófica da sociedade cósmica que é o Universo. Lê-se em *Do Amor e da Morte*: “O primeiro beijo da luz toca o planeta e levanta no mesmo ritmo de alegria o tropel dos rebanhos, as asas da cotovia e os arrepios da emoção do pastor”. A dialéctica criacionista sintetizará, por exemplo, a alegria e a dor na graça, ou o amor e a morte na amorosa imortalidade. “O que sabemos é que uma onda de amor imponderaliza o Universo”, escreveu Leonardo Coimbra n’*O Criacionismo*. A nossa liberdade compreende assim a actividade perfeita de Deus e à mónada religiosa, “que se apreendeu em heróico esforço criador”, cumprirá a acção amorosa, de justiça e beleza, de divino “*amor amante*”, que faz crescer a realidade, como a excelssitude do “eterno condutor de ritmos”, pois “o amor infinito é essa fonte originária, que ergue e sustenta todo o Universo.”

As janelas do poliedro criacionista rutilam abertas ao ritmo ontocosmológico e o filósofo da alegria, que aspira a “ouvir a conversa de todas as cousas”, verifica que “a actividade humana é rítmica, o que é ainda mais uma face do múltiplo-uno, que é o ser”. “Tudo vibra e murmura” e “a primeira palavra é ressonância musical”, escreve n’*A Luta pela Imortalidade*, obra onde identificará o belo com o ritmo que em nós

revive as actividades cósmicas. Debruçada “à flor dos rios”, a razão experimental considera dessarte a actividade estética do nadador, “no fluídico, assíduo, ubíquo e insistente abraço das águas”, entregue à “alegria de nadar”. A obra de Leonardo Coimbra pode ser, pois, vista como um convite a uma sabedoria do ritmo, cujo arco se distende a partir do sentido da harmonia cósmica, passando pela revivescência rítmica dos seres, até ao pulsar ubíquo do Universo ante olhos criacionistas.

### **O diálogo dos percussores: Leonardo Coimbra e Lúcio Pinheiro dos Santos. Genética da Ritmanálise**

Um apontamento para a importante relação entre a monadologia rítmica leonardina e a Ritmanálise. Observe-se que na pessoa de Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos reconheceu Leonardo Coimbra, além da amizade verídica, o melhor intérprete do pensamento criacionista. Nos antípodas da Primeira Guerra Mundial há-de ter sido, pois, esse período de superior convívio dos filósofos em Lisboa, no triénio de 1914 a 1917, durante o qual Lúcio e Leonardo deram aulas juntos no Liceu Gil Vicente. A teoria do ritmo leonardina e as formulações iniciais da Ritmanálise entraram, com efeito, em diálogo íntimo a partir de 1916, segundo o testemunho do próprio Lúcio Pinheiro dos Santos na homenagem ao filósofo desaparecido, posto que foi Leonardo Coimbra “o primeiro a compreender, por volta de 1916, a significação filosófica dos primeiros trabalhos da Ritmanálise que só vinte anos mais tarde haveriam de encontrar acolhida no pensamento de Bachelard, o filósofo do “novo espírito científico” e junto de alguns dos novos trabalhadores da moderna pesquisa filosófica” (1950). Em *Do Amor e da Morte* (escrito pelos inícios de 1920)<sup>1</sup> ressoam ecos claros do diálogo entre Leonardo e Lúcio e bem assim as múltiplas teses ritmológicas à época (especulativas, cosmológicas, antropológicas, etc., muitas das quais, aliás, com posterior desenvolvimento ritmanalítico), encontrando-se nas personagens pseudónimas de António o próprio Leonardo e em Célio uma versão anagramática de Lúcio. *Do Amor e da Morte* contém admiráveis sínteses ritmanalíticas criacionistas

---

<sup>1</sup> Observou Joaquim Domingues: “Com a aguda inteligência de que era dotado, Sant’Anna Dionísio aponta uma passagem do diálogo *Do Amor e da Morte* (Porto, 1922) em que a noção de ritmo serve de suporte ao desenvolvimento da argumentação de um dos interlocutores. Se tivesse a intenção de alargar a indicação de passagens de idêntico carácter, bem poderia fazê-lo; e mais longe iria ainda se, no mesmo horizonte nocional, atendesse às passagens construídas sobre as noções de vibração, de ressoador, de movimento simpático, entre outras. O que tudo conflui para sublinhar a afinidade entre o pensamento dos dois amigos, por sinal ambos matemáticos e admiradores da poesia e da música” (Joaquim Domingues, “Lúcio Pinheiro dos Santos: Ensaio Biográfico”, in *Teoremas de Filosofia*, n.º 2, Porto, 2000).

como esta: “Se o Amor é o próprio pensamento divino, o Amor a e a Morte caminham de mãos dadas: o Amor abrindo o Mistério às almas, a Morte impelindo as almas para as novas alturas do Amor.” Entretanto, o pomo da discórdia era aí assinalado por António que criticava a “teoria dos ritmos de secância dada pelo Acaso” e os “ritmos insecáveis”, contrapondo a isso uma “*sociedade de ritmos*” e pois um “mundo de simpatias” guiado pela consciência (rematando enfim: “Se consentes em olhar deste modo, dir-te-ei que amo a tua ideia dos ritmos”). Daí que fosse também possível a António afirmar que “*A harmonia das esferas é uma autêntica realidade para a alma-ritmo que a possa abranger*”. *Do Amor e da Morte*, obra tão espontânea quanto pouco lida, contém, entretanto, uma ritmanálise do amor.

### A Ritmanálise

Pode afirmar-se desta que é uma análise de fenómenos rítmicos às escalas da matéria (desde a radiação), da vida e do espírito, consoante o conceito criado pelo filósofo bracarense Lúcio Alberto Pinheiro dos Santos (1889-1950) e divulgado por Gaston Bachelard em *La Dialectique de la Durée* (1936). Mas esta definição deverá parecer insuficiente à luz de uma interpretação magnificatória que mostre, por um lado, que a ritmanálise é uma filosofia criacionista do movimento rítmico universal e por outro, que ela corresponde a um novo paradigma de conhecimento.

Lúcio Pinheiro dos Santos estudou matemática, física e filosofia na Bélgica e em França (Sorbonne) até à conflagração de 1914 e daí até 1917, como se disse, foi professor do Liceu Gil Vicente juntamente com Leonardo Coimbra, seguidamente deputado por Guimarães em 1919 e director da Educação do Estado na Índia entre 1922 e 1926, vivendo finalmente no Brasil, onde ensinou psicologia e filosofia, publicando por mais de duas décadas na imprensa. Nasceu em Braga a 19 de Abril de 1889 e morreu em 1950 a 11 de Novembro no Rio de Janeiro. Sant’Anna Dionísio mencionou “o estranho travo de originalidade e inquietação da sua convivência”. Álvaro Ribeiro conheceu a ritmanálise de Lúcio Pinheiro dos Santos e afirmou, em 1937, que este “talvez deva ocupar hoje o lugar de primeiro filósofo português”<sup>2</sup>. Nenhum ensaio de ritmanálise

<sup>2</sup> Em carta a José Marinho, de Janeiro de 1937 (ou seja, um ano depois da morte de Leonardo Coimbra e meses depois do aparecimento da sinopse de *La rythmanalyse* feita por Gaston Bachelard na *Dialectique de la Durée*). Lúcio dos Santos enviou a Álvaro Ribeiro, juntamente com uma carta de 1936, um “exemplar” da *rythmanalyse*, tendo já Álvaro Ribeiro lido sobre o assunto uns “cursos de conferências” de 1929, emprestados por Leonardo Coimbra (Cf. Joaquim Domingues, “Lúcio Pinheiro dos Santos: Ensaio Biográfico”, in *Teoremas de Filosofia*, n.º 2, Porto, 2000, p. 29).

chegou a ser publicado, apesar das elaborações ao longo das décadas (em carta de 1936, escrevia Lúcio Pinheiro dos Santos a Álvaro Ribeiro: “O trabalho que tenho para publicar, sobre a “rythmanalyse”, não é obra que encontre editor”). Foi, pois, ao ritmo da catástrofe que a viúva do desassombrado ritmanalista luso-brasileiro entregou alfim o seu espólio ao fogo no jardim em frente da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, pelo final da década de cinquenta. Todavia, Lúcio Pinheiro dos Santos enviou a Gaston Bachelard uma versão em língua francesa com o título *La rythmanalyse*, em dois tomos, com chancela da “Sociedade de Psicologia e de Filosofia”, pelo Rio de Janeiro e data de 1931 e o filósofo francês, felizmente, depois de a meditar durante alguns anos, resumiu-a com luminosidade no oitavo capítulo de fecho da obra *La Dialectique de la Durée*, em 1936. Bachelard morre em 1962 e acontece que ninguém encontra *La rythmanalyse*. Se a obra se perdeu, contudo, o hermeneuta é assim Gaston Bachelard, da eleição de Lúcio Pinheiro dos Santos, que valorizou com efeito o acolhimento franco da ritmanálise. O élan ritmanalítico seria tangível em alto grau na obra de Bachelard, não só na perspectiva epistemológica do modelo rítmico aplicado, como especialmente nos trabalhos em torno da “imaginação material” e da dialética do psiquismo, particularmente na versão ritmanalítica, de resto abrindo portas criacionistas às epistemologias contemporâneas. Uma ritmanálise da obra bachelardiana no seu conjunto, entre ciência e poética, encontra precisamente na expressão multimoda da experiência do ritmo, não uma convergência anfibiológica, mas sim o pulsar de um novo paradigma sapiencial.

Mas dos vários acontecimentos que têm concorrido para o desaparecimento da nova teoria do ritmo de inspiração marcadamente portuguesa, um episódio ainda ensombra a história da ritmanálise: trata-se da usurpação do conceito operada pelo historiador e sociólogo Henri Lefebvre no livro póstumo *Éléments de Rythmanalyse* (Paris, Sylleps, 1992), onde se propõe dar conteúdo ao conceito de ritmanálise, que, segundo ele, nem Lúcio Pinheiro dos Santos nem Gaston Bachelard teriam desenvolvido (quanto aos filósofos anteriores a ele, Lefebvre, “apenas presentiram a importância do ritmo”). Vale a pena observar que o extraordinário êxito, de escala planetária, deste modesto sociologismo do ritmo francês, tão inferior à antropologia, à cosmologia ou à metafísica da original ritmanálise, pode explicar-se em parte pelo potencial energético irradiante do próprio conceito de ritmanálise, educação do génio de Lúcio Pinheiro dos Santos.

Revertendo, do fundador da ritmanálise restam-nos, por ora, uma mão de curtos quão densos textos escritos em momentos históricos de forte e multimoda tensão dialéctica e tocados por sugestões ritmanalíticas. Escrevia em 1946: “Nada se pode esperar do que está; tudo há-de vir, para o futuro, do nosso esforço de renovação. A transformação é necessária. As oposições conduzem à transformação, e não à desordem; e, por

isso, são favoráveis, e nelas repousa a certeza do futuro” (1950). Do sentimento de “amplidão” que lhe inspirava o Novo Mundo depôs o filósofo atlântico do ritmo a esperança criacionista de uma nova síntese do humano, sob a égide da ideia de “construção de mundos”, salvaguardando-se “a unidade e a liberdade dos pluralismos coerentes”, “e, desta vez, verdadeiramente, à escala universal” (1950). Na sua recensão de *A Alegria, a Dor e a Graça*, que considerou obra maior de filosofia (chegaria a dramatizá-la) e “modelo de futuras gerações”, pode ler-se: “Toda a Alegria do Universo, diz Leonardo Coimbra, é a posse plena da sua harmonia, a integral memória do seu Ser” (1917). A interpretação do pensamento de Leonardo Coimbra, em mais de uma ocasião, patenteia os pontos convergentes com o próprio pensamento de Lúcio Pinheiro dos Santos (por exemplo, a substituição do conceito de substância pelo de “actividade relacional” e pois, de “ritmo”, ou a psicologia criadora da infância...). O inventor da ritmanálise defenderia sempre a honra de haver sido convidado por Leonardo Coimbra para o ensino universitário (projecto irrealizado por razões terceiras). Na homenagem ao filósofo criacionista, deixou Lúcio escrito que o pensamento “é a mais alta vitória sobre nós mesmos”, pois tal é a “luta do pensamento com o homem, na qual cada um procura exceder-se a si mesmo, e abranger o universo, sabendo que esta é a sua razão de ser como homem, e sentindo-a desde as raízes do ser”. Daí que lhe fosse possível referir a “alegria de um pensamento certo, que sabe que se continuará no futuro do mundo” (1950). É o que se espera da ritmanálise<sup>3</sup>, cujo segredo parece vibrar no aforismo de Teixeira de Pascoais: “O ritmo é a substância das coisas”.

<sup>3</sup> Cifram-se em três, com o presente, os momentos essenciais entre nós de chamada de atenção para a ritmanálise e a pessoa de Lúcio Pinheiro dos Santos: o primeiro com Sant’Anna Dionísio, em 1950, na *Seara Nova*; e o segundo, sobretudo de pendor biográfico, conjuntural e lexicográfico, com Joaquim Domingues (nos *Teoremas de Filosofia*, em 2000 e em *De Ourique ao Quinto Império – Para uma Filosofia da Cultura Portuguesa*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2002) e com Pinharanda Gomes (n’ *O Diabo*, em 2000 e na edição de 2004 do *Dicionário de Filosofia Portuguesa*). Em síntese interpretativa, escreve Sant’Anna Dionísio da doutrina ritmanalítica e do autor desta: “Da compreensão do sentido convergente de certas intuições fundamentais do pensamento especulativo e científico dos nossos dias surgiu no seu espírito o intelectual anseio de uma concepção que simultaneamente satisfizesse o melhor da inspiração digamos heraclitiana de um Bergson e as mais altas exigências de visão matemática do real de um Luís de Broglie. Tal era a aspiração, por assim dizer dialéctica e inefável, da sua decantada *Ritmanálise*.” “Em sùmula, o vector essencial do pensamento singular de Lúcio dos Santos pode dizer-se que deriva, em linha directa, da ideia-crença primordial do Pitagorismo: a ideia-crença de que o Ser é, na sua mais íntima substância, figura e número, harmonia e ritmo. Tanto na legalidade das energias físicas, como no processo vital, como no fluir do espírito, a chave da explicação de tudo quanto existe e transita não seria outra senão a *lei do ritmo*” (Sant’Anna Dionísio, “Lúcio Pinheiro dos Santos”, in *Seara Nova*, Ano XXVIII, Dezembro de 1950).

Resumidamente, Lúcio Pinheiro dos Santos formula assim o princípio da física ritmanalítica: “A matéria e a radiação não existem senão no ritmo e pelo ritmo”. A energia vibratória, em determinadas frequências, é a própria *energia de existência*. Se isto é válido tanto ao nível corpuscular como ondulatório, o mesmo se passa com a matéria. Tudo vibra e o tempo só existe, pois, enquanto frequência regular. Somos iluminados e aquecidos por ondas, caminhamos e respiramos numa Terra vibrante de ritmos sobrepostos. A física ondulatória mostrou que a matéria se transforma em radiação ondulatória e que esta se transforma reciprocamente em matéria e por conseguinte, juntamente com esta reversibilidade, são as características ondulatórias e rítmicas do tempo vibrado, portanto em frequências regulares, aquilo que se materializa como existência e forma. Não é, note-se, a matéria que vibra, é a vibração que se materializa e é assim, em última análise, a regularidade da frequência ou ritmo aquilo que se faz matéria. Esta mudança metafísica de perspectiva implica, para o horizonte cognitivo, que o espaço-tempo da era pré-broglieana seja substituído pela simetria-ritmia e caberá considerar doravante substâncias com o espaço-tempo simetrizado e ritmado. Se esta mudança de ângulo metafísico parece constituir, ainda em 2007, o maior obstáculo epistemológico à compreensão da física ritmanalítica, no entanto alguns modelos da física contemporânea, como a “teoria das cordas” ou a “ritmodinâmica”, contêm receptividade virtual para uma analítica do ritmo desta ordem.

A biologia ondulatória da ritmanálise propõe a interpretação “ondulatória” para a acção das substâncias, que ocorrerá por conseguinte na forma de radiação. A perspectiva quantitativa pretende que as substâncias actuem proporcionalmente à sua massa, mas a acção das substâncias, por exemplo medicinais ou alimentares, é da ordem da qualidade vibratória da energia. A homeopatia ou a dieta ondulatória mostram, precisamente, a eficácia qualitativa das substâncias na razão inversa da quantidade: quanto menor a dose, maior a capacidade e eficácia dos ritmos energéticos; paradoxalmente, o microscópico bem estruturado e bem ritmado é melhor e perde-se menos que o macroscópico e inerte. A acção da substância deve ser compreendida no exacto momento da sua destruição, que é também o período da sua activação ondulatória, quando ela se *temporaliza* em forma vibratória, como remédio ou alimento. Um epicurismo ritmanalítico saberá que a “onda de destruição” emite uma radiação tão mais activa quanto o grau de refinamento dos aromas e dos sabores, que assim nos oferecem as essências do mundo vegetal num simples *bouquet* de vinho. É, pois, de ritmo a ritmo, mais que de coisa a coisa, que se devem apreciar as acções terapêuticas. A questão vital é: de que vibrações necessitamos frequentemente? E a questão terapêutica é: quais as vibrações a avivar, a moderar ou a extinguir? A teoria ritmanalítica da sensa-

ção é activa e não passiva, posto que a excitação seja uma ressonância de vibrações específicas. Se as substâncias desencadeiam vibrações biológicas, trata-se de absorver, mais do que substâncias, outrossim duração e ritmos, efectuando-se as próprias trocas por intermédio dos ritmos. Vibrações e vitaminas são reversíveis e de acções similares: os raios ultravioleta fornecem fotões da mesma frequência que os emitidos pela vitamina D, que por seu turno os absorveu do sol e pode-se afirmar, por conseguinte, que certas substâncias levam ao organismo um conjunto de ritmos, ou como escreve Lúcio Pinheiro dos Santos, um “corpo de fotões”. Toda a conquista de estrutura vital é acompanhada de uma harmonização de ritmos múltiplos. À ritmanálise biológica cabe codificar os ritmos da vida e dar à totalidade orgânica e substancial o sentido “sinfónico”. Segundo Gaston Bachelard, é de “Pinheiro dos Santos o mérito de ter mostrado o carácter verdadeiramente primordial da vibração na própria base da vida”. Desde as microbiologias, passando pela investigação médica e alimentar, até à cronobiologia e à ecologia, difícil é achar um campo epistemológico para o qual não seja fecundo o diálogo com a ritmanálise.

Na sua “ascensão espiralada” de ritmos sobrepostos, a vida dialectiza-se, entre matéria e memória, até à complexidade da actividade espiritual. A ritmanálise actua sobre a dualidade do psiquismo e a tendência deste para os pólos opostos, procurando o equilíbrio dinâmico mais conscientemente do que a psicanálise. Escreverá Bachelard, a propósito de “Rythmanalyse et tonalisation”: “Le vrai psychologue trouvera dans le coeur humain une union des contraires affectifs qui transposera les grossières ambivalences” (*La Terre et les Rêveries du Repos*, III, 2). Para Lúcio Pinheiro dos Santos, o homem pode sofrer de uma escravidão a ritmos inconscientes e confusos, carecendo de estrutura vibratória salutar, mas pode sofrer em grau superior da consciência da infidelidade aos ritmos espirituais elevados. Ao inconsciente nocturno da psicanálise, com a sua ambivalência linear e muitas vezes passiva, contrapõe a ritmanálise a actividade diurna, ondulatória e sintética da vida consciente e da imaginação criadora. “O homem sabe que pode superar-se”, escreve o filósofo português; e “a ritmanálise firma-se na filosofia criacionista, numa sublimação activa de todas as tendências”. A sublimação não é, portanto, um impulso obscuro e a arte está longe de ser um desvio da sexualidade; a sublimação é, na verdade, um apelo e a própria sexualidade é já uma tendência profundamente estética. A psicologia criacionista ondulatória, confiante na reacção criacionista do ser, deverá arrancar o homem ao torpor da monotonia rítmica e projectá-lo num plano mais alto, aberto tanto à experiência da energética polirrítmica, como à adunação a ritmos novos e doadores de sentido. A moral ritmanalítica, por exemplo, não se interessará só por fazer o bem, como por *inventar o bem*. A emoção mo-

ral é, entre todas, a mais ondulatória e segundo Lúcio Pinheiro dos Santos, “o equilíbrio rítmico da inflexibilidade moral e da doçura de coração é a lei do amor e a sua própria expressão.” O desenvolvimento do indivíduo ondula entre o amor-próprio e o amor ao próximo, entre conciliação e agressão e na generalidade, entre acerto e erro (com propensão para este). Preâmbulo da experiência ritmanalítica é a regularização rítmica da respiração e de toda a vivência psicossomática, reforçando as simetrias estruturais, propiciando toda uma harmonização e o verdadeiro *repouso activo* que, de resto, permite o livre exercício ritmanalítico. Para a ritmanálise, o perigo é viver em contratempo e no alheamento das dialécticas temporais. O acordo com os ritmos naturais é essencial e o conhecimento da especificidade das vitaminas, por exemplo, indica o interesse físico que temos em nos adaptarmos rigorosamente aos ritmos vegetais: a época do morango, a época do pêssego e da uva são ocasiões de renovação conforme a Primavera e o Outono; e daí que, na bela sugestão do filósofo português, o calendário da fruta seja o calendário da Ritmanálise. É o ritmo grave, de pulsações lentas, que sustenta e condiciona o ritmo agudo, de frequências maiores (e não, como frequentemente se pensa, o contrário) e por isso um ritmo vital perturbado é remediado pelo enquadramento activo de um ritmo mais lento. Daí que seja neste que assente, em larga medida, o “repouso activo” a que se refere Lúcio Pinheiro dos Santos.

Para a ritmanálise criacionista, ao *repouso activo* corresponde o *estado lírico*. A poesia não é um acidente ou um pormenor do ser, mas o próprio princípio da evolução criadora. O homem tem um destino poético e está na Terra para cantar a dialéctica das alegrias e das dores. O estado lírico deve fundar-se no conhecimento entusiasta e a criança é mestre do homem. Lúcio Pinheiro dos Santos propõe para a ritmanálise um “mito lírico”, que Bachelard sugere se designe “complexo de Orfeu”. Corresponde “este complexo à necessidade primitiva de agradar e de consolar; ligando-se à meiguice carinhosa e caracterizando-se por uma atitude onde o ser se apraz em agradar, numa atitude de oferta”. Antítese do complexo de Édipo, o complexo de Orfeu vive em abertura o amor indeterminado pelo outro e pelas próprias coisas. O “lirismo órfico” da poesia traduzirá em alto grau o complexo de Orfeu. “A ritmanálise oferece-se então, em oposição à psicanálise, como uma doutrina da infância reencontrada, da infância sempre possível, abrindo sempre diante dos nossos sonhos um porvir indefinido”. Conta Bachelard que Lúcio Pinheiro dos Santos, numa dissertação especial em oposição ao trabalho de Freud sobre Leonardo da Vinci, explica a actividade genial de Leonardo como uma *infância eterna*. Por isso, “o criacionismo é um rejuvenescimento perpétuo, um método de maravilhamento sistemático que reencontra olhos maravilhados para ver espectáculos familiares”. É na infância, fonte dos nossos ritmos, que estes são criadores e formadores e o adulto são é aquele que souber ritmanalisar-

-se e devolver-se à disciplina da actividade rítmica sobre a qual pulsou a sua juventude. É assim que vibrará nele a alegria do ritmo certo e criador.

### Repercussões no tempo

A ritmanálise teve por berço Lisboa, o florescimento no Rio de Janeiro e a interlocução de Paris, aguardando já há demasiado tempo o reconhecimento da sua cidadania filosófica, decerto cosmopolita. Há uma compreensão rítmica do universo, da qual a ritmanálise é renovado e subido paradigma e que, sem dúvida, nem só ao microscópio e ao telescópio, ou ao cinema, ou às “ciências da vida”, ou à cibernética e às semióticas, cabe ampliar e aprofundar. Os humanos da época tecnocientífica vivem controlados por programas, máquinas e aparelhos que funcionam segundo o princípio da *repetição* cada vez mais automatizada. Mas na repetição mecânica não existe *individualidade* e portanto, tão-pouco o *ritmo renovador*. Escreveu Leopardi que o relógio marca sempre as mesmas horas. Mais do que por *saltos*, porém, a Natureza move-se por *ritmos*. *A natureza é rítmica*. Se o rito tradicional reconhecia o ritmo, já a repetição mecânica aniquila o ritmo vivo. Quanto tempo durará uma respiração ao cronómetro? Há muitos elementos já para uma patologia da vibração mecânica, por exemplo, mostrar como o ruído e a trepidação das máquinas degradam a sensibilidade e a saúde humanas muito para além da mera perspectiva ergonómica ou médica. Conhece-se o alívio e o bem-estar que, em contraste com a vibração tecnocientífica, oferece o puro silêncio, ou o ritmo do mar, ou a ondulação do vento nas árvores, ou o canto nocturno dos grilos. Mas o ritmo do comboio pode embalar-nos e o ladrar do cão tirar-nos o sono. Não urgirá, neste sentido, um maniqueísmo da boa e da má vibração? É quase desnecessário dizer que nunca o conhecimento dos ritmos da natureza e do homem foi tão importante como nesta era, a ponto de se poder pensar disso depender o futuro imediato do ser humano sobre a Terra. Muito importa aí o conhecimento das diversas polaridades e ciclos, cuja oscilação e dinâmica, na sua interactividade fundamentalmente conjunta, não pouco ajudará a compreender e a corrigir. Por outro lado, a tradição órfico-pitagórica e a tradição das dialécticas são, seguramente, eixos espirituais e instrumentos cognitivos sempre válidos, mas insuficientes hoje quanto ao que urge. Algo de semelhante se deverá dizer da aplicação da estatística à psicologia e às ciências da vida e da natureza. Recorde-se que o método ritmanalítico requer uma mudança de perspectiva metafísica e um tipo de pensamento polirrítmico particularmente subtil (ainda agora os médicos começam a reconhecer a validade da hipótese de Pinheiro dos Santos explicativa da acção homeopática).

Em 1992, o Centre Culturel International de Cerisy, sob a direcção de Jean-Jacques Wunenburger, organizou o Colóquio “Les Rythmes – Lectures et Théories” e em 1996 o Centre Gaston Bachelard de l’Université de Bourgogne organizou o Colóquio “Rythmes et Philosophie”, sob a direcção de Pierre Sauvanet e de Jean-Jacques Wunenburger. Em ambas as edições literárias decorrentes destes colóquios pluridisciplinares, reunindo apreciáveis leques de especialistas, é assumido o desconhecimento do autor da Ritmanálise, tal como da génese desta. Entretanto, é digna de referência a obra de Pierre Sauvanet *Le Rythme et la Raison* (II vols. [*Rythmologiques, Rythmanalyses*], Paris, Éditions Kimé, 2000).

Há uma experiência rítmica do ser. A proposta criacionista da filosofia do ritmo atlântica amplia a razão rítmica, convidativamente, às possibilidades do *ritmo novo*. Em *A Força do Mundo*, Dalila Pereira da Costa, num capítulo titulado “*O Ritmo*”, considera a experiência rítmica do êxtase como “sincronização com o ritmo primordial”, o do “coração do mundo”. Em *La Terre et les Réveries du Repos*, Gaston Bachelard exporá a teoria ritmanalítica da imaginação literária, apelando para “a oportunidade de viver uma ritmanálise que consegue restituir duas tentações contrárias numa situação em que o ser equívoco se exprime como ser equívoco, como o ser de dupla expressão”. Pois a imagem vive num “ritmo de valores” e a polaridade ambivalente da adjectivação subjectiva e da adjectivação objectiva, vivida pela imaginação tonalizada, aproximar-se-á mais dos verbos do que dos substantivos (Bachelard lembra um passo de Guy de Maupassant, à escuta do rio que corre invisível sob os salgueiros, com “um grande ruído irado e doce”). Na *Dialéctica da Duração*, o filósofo francês conta acerca de Lúcio Pinheiro dos Santos que este apreciava a “hábil ambiguidade dos pensamentos de Paul Valéry; dele, gosta sobretudo da arte suprema de perturbar a calma e de acalmar a perturbação, de ir do coração ao espírito para logo retornar do espírito ao coração.” Eis-nos diante de uma hermenêutica ritmanalítica. Uma ritmanálise vocabular comparativa poderá oferecer à intuição a alma de cada língua e bem assim, de cada comunidade. Na palavra portuguesa *coração*, como em poucas línguas, pulsa o próprio ritmo cordial. Uma ritmanálise da obra de Fernando Pessoa pode ter em epígrafe esta palavra do poeta: “Sê plural como o Universo!”. O *andamento da Teoria do Ser e da Verdade* de José Marinho (em aspectos, conformemente ao próprio nome do seu autor), convida também a uma ritmanálise...

A polirrítmica universal encontra-se em actividade presentemente e tão certamente como caminhar-mos com um pé no passado e outro no futuro. Perfilando-se no horizonte o ritmanalista, poderá este ter por mote a descrição que de Bach fazia aquele reitor do Thomaskirche: “*Omnibus membris rythmicus*”, com ritmo em todos os membros, vale dizer, *tudo nele é rítmico*.